ACIDENTE OFÍDICO EM FELINO – RELATO DE CASO

Sara de Amorim Pereira2, Elisa Carla Barra Freire1, Francisco Wanderson B. Lima3, Ana Caroline Alves da Silva4, Analiel Serruya5, Mayra Coelho Gripp6, Luís Edson Silva Moura7, Natália da Silva e Silva Silveira8

1. Médica Veterinária Residente do Setor de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal do Pará (HV-UFPA). 2. Discente do 8º período de Medicina Veterinária da UFPA. 3. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Saúde Animal na Amazônia da UFPA. 4. Técnica do Hospital Veterinário – Setor de Pequenos Animais da UFPA. 5. Discente do 8º período de Medicina Veterinária da UFPA. 6. Discente do 8º período de Medicina Veterinária da UFPA. 7. Discente do 5º período de Medicina Veterinária da UFPA. 8. Profª. Dra. Titular Permanente da Graduação em Medicina Veterinária na Disciplina de Patologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Saúde Animal na Amazônia.

Acidentes ofídicos são comuns na região norte do Brasil e necessitam de rápido atendimento do paciente, devido à gravidade da clínica desses animais vítimas de serpentes, especialmente em casos que envolvem animais de menor porte como os gatos. Frequentemente, o diagnóstico e abordagem terapêutica são realizados embasados pelo histórico e achados clínico-laboratoriais, uma vez que nem sempre é possível identificar a serpente. Diante disso, o objetivo deste trabalho é relatar um caso de acidente ofídico envolvendo uma gata de seis meses de idade atendida no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Pará (UFPA) com a queixa principal de edema generalizado da face e epistaxe. Na avaliação clínica, observou-se que o animal estava alerta, apresentava taquicardia (228 batimentos por minuto), 34 movimentos respiratórios por minuto, temperatura corporal de 39,2ºC, tempo de perfusão capilar (TPC) maior que três segundos e desidratação leve. Em virtude do período de 24 horas preconizado para a administração do soro antiofídico, bem como da ausência inicial de marcas da picada, procedeu-se à implementação do tratamento de suporte. Optou-se pela fluidoterapia intravenosa utilizando solução de ringer e na administração de medicações como dexametasona para o controle do edema e dipirona para o alívio da dor. Para a redução do sangramento nasal, foi efetuada a aplicação de ácido tranexâmico e, só então, foi possível visualizar a marca compatível com a picada da serpente no plano nasal do animal. Também foi realizado hemograma, onde se detectou trombocitopenia (172 103/µl). O animal manteve-se em internação por dois dias e foi responsivo ao tratamento de suporte, tendo a diminuição considerável do edema facial, reidratação efetiva e, após novas coletas de sangue, observou-se plaquetograma dentro da normalidade para a espécie. Desse modo, evidencia-se com este caso que a recuperação de felinos em acidentes envolvendo serpentes, mesmo sem a utilização do soro antiofídico, pode ser satisfatória.

Palavras chaves: Mixedema facial, epistaxe, trombocitopenia, picada de cobra.